



XVIII – A Lua: representa, dentre outras coisas, atos instintivos, poder da imaginação sem limites, fantasia, mistério e magia; a carta do tarot de Marselha A Lua está muito relacionada ao mundo onírico (sonhos) e é indicadora de força e coragem espiritual; uma lição importante que ela traz é para evitar se deixar levar por quaisquer pensamentos, sejam bons ou ruins, ou seja, vale o velho ditado “pensar duas vezes antes de tomar qualquer atitude ou realizar qualquer ação”.

Verso em frente ao frente verso por Lucas Prestes

DESENHOS EM BRANCO

25

RASCUNHO [ESCRITO DO TEMPO]



A cor que há forma em seu mundo
pintado por entre camadas
tingidas em tons de veludo
cortantes igu' alma navalha
sentidos alcance do tempo
vivididos, consigo em nada
terá parcelso contido
aos olhos de quem o pintara

rara felicidade
peço que quando vieres
traga contido algum verso
das razões par'aquele grito
que me preencheu todo peito

escrevia, então, tudo aquilo que
imprimisse
ar de coisa que valesse
como linha digna de curva
em superfície viva como pele

um pedido de ajuda foi feito
ao menos esse era o sussurro
que lhe ouvia aos olhos rangendo
dos gritos que vinham da sala
na parede ligada e estarecida
enchida de sonhos que consumia
palidez de uma tela enrugada

seu sorriso lembrava saudade
sonhada igual liberdade
no rosto de quem se chegar
com quem se quer sempre sorrir

réu confesso de minha sobrevivência

fundamental

alimento o mundo comprando meu querer

no comércio da contradição diária

que me faz assim perceber

como um esfomeado que a toma em mãos

o acalentar da sede daquilo que não se fala

o olhar que me fez te querer

encontrou o meu jeito de amar

que me cobri as montanhas ao vento

encantado num simples tocar

pela boca macia de viver

esse universo infinito em constelar

poesia a conta gotas de palavras
esperando na escrita de um caminho
que me leve justamente para fora
das loucuras que tomam em juízo

coloquei toda a carne pra cozinhar
saciando minha cede de morte
fome de tudo que não dá pra negar
muito menos contar pela sorte

olhou bem no fundo do quadro
sem entender coisíssima alguma
concluiu sobre o nada presente
na imagem da própria figura

um ponto que se transformasse
qualquer coisa em que se bastasse
sentado ao passo e despido
com certo sentido em si mesmo
sem ter-se de fato oprimido
enquanto se vive em sujeito

amanhã compro a água que falta
para saciar a sede que me esturrica
boca seca de teus lábios rachados que
num sorriso amarelo contamina de
silêncio

amor... ... fina razão ao sorriso desconexo
casulo de alegria no sentido inserto
borboleta que paira no azulado de teu céu
cristalino como rio de correnteza forte dos
olhos

percebi as referências do cumprimento
era alguém cuja além se falava
ao primeiro contato incerto
na planície contida na palma
da mão ao primeiro toque

embacei o espelho achando encontrar
aquilo que um dia consigo mais ver
peguei emprestado no teu caminhar
esperança da imagem que nunca serei
coloquei-a enfrascada no quadrado do
tempo
só pra lembrar

levou à boca a essência dos devaneios
carnais escreveu cartas dos roteiros banais
desenhou episódios para uma vida
qualquer guardou-as na gaveta da
memória

e as queimou sem perceber pelas traças

em chamas

adentro no ventre no antro
na trama do olho do tempo
nos braços me sinto acalanto
aos olhos te vejo sedento
nesse estado de graça que talho os sulcos
na alma daquilo que chamo de vida

vida rasteja
muito rente ao no chão
sempre em baixo dos pés
encoberto de um céu
do céu da boca de alguém
que pisa

enterrados foram os espaços
que os traços souberam cobrir
pelas brechas cravadas no solo
do papel que não quer aderir
à forma
da palma escrita na raiz da tua mão

o jaraqui desliza
pela mucosa gosmenta
que sacia as entranhas
à espera de um mergulho, fatal
desmembrado pela serrilha, do metal
é levado ao cabo
pelo tridente da justiça
intragável

saiu para catar o vento que soprou
aos ouvidos do seu oriente
mas mal soube ele que
em coisa mais enfezada se
o vento desses ares trouxesse

tudo começou naquele dia
lembrei de um lugar e sorri
quando abri o álbum de fotografia
existia uma fina poeira
nas lembranças daquela situação
estranho cair da árvore naquela idade

Todo dia pela manhã descia
as escadas tremulas correndo
no alto, um punho serrado
na voz, a garganta embargada de vento

tatuagem essa que não sei bem
se me fico ou se faço graça
no azul do céu que te apontei
há o cheiro da terra quando molhada
pelas chuvas de verão

alardeou sua inocência

num claro grito no escuro

contaminou-se de injeções e raiva

pelo o que ainda há de vir

em saber mesmo que chegava ali

a linha estrada de sua caminhada

sua boca estava perplexa

pelas vidas cantadas em versos

mencionaram seu nome na rua

num dos sambas de dona Onete

se você estiver afim, assim será
o que quero como nunca, se topar chego
na tua casa lá pelas 16h
levo quitutes e minha amizade sincera
para tomarmos café da tarde

não posso matar um poeta como você
fica aí produzindo essas coisas sem rumo
parece desenhos que se movimentam
em direção às linhas de Vênus
que faz em processo pintura

enquanto o tempo não vem
vou matando a saudade da alegria
foi ela quem me colocou nos teus braços
acariciando as angustias feridas
na fila de suplementos energéticos

Ítaca para além

acendi o último trago
não aguentava mais uma vírgula
a cada meia dúzia de bocejos
o café me vinha à boca mostrar
que acordado em mantinha em silêncio

pelo simples desejo do mar
olhar...

o lugar de onde falo esses versos
se parece com cheiro de prata
ao cair no luar de um sereno
igual chuva jazida na mata